# Palavras para o vento levar



Celso Mussa Tavares

2014

Dedico este pequeno volume
aos meus filhos queridos,
Bernardo e Guilherme,
amores sempre novos
do meu coração.

# A palavra

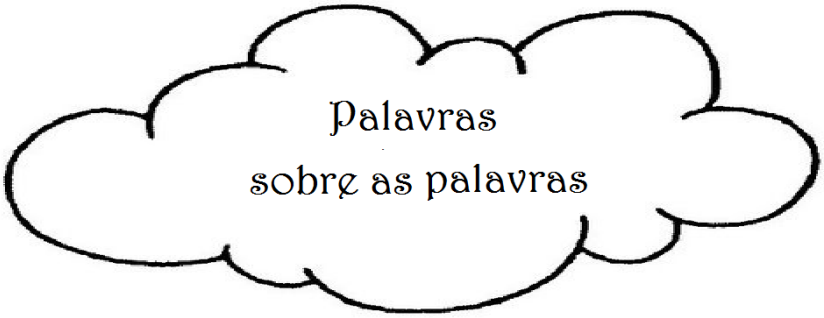
Eu vou atrás da palavra camuflada,
Dessas que se enturmam sem se apresentar,
Como se desejassem dançar fantasiadas,
Como se tivessem necessidade de dançar...

Eu vou atrás da palavra disfarçada,
Dessas que falam como se tivessem nada pra falar,
Dessas que são ricas, mas como se não possuíssem nada,
Eu vou atrás dessa palavra até encontrar...

E quando, enfim, essa palavra for localizada,
Eu vou cuidar para que ela seja bem cuidada
E esteja sempre por perto, e venha me visitar,

E assim essa palavra vá ficando acostumada,
Transformando-se em palavra descansada,
E queira nunca mais me abandonar...

Luís Alberto Mussa Tavares
(http://quasepoesia.blogspot.com.br/)




Canta o dito popular: "palavras, o vento leva." Há, nesta mensagem, uma sentida inconformação com palavras divorciadas de atitudes. É que as palavras são elementos da linguagem muito fáceis de dizer. E quando são banais, impensadas, repetitivas ou indiferentes, o vento sempre as carrega. Creio até mesmo que o vento tem a propriedade de evaporar as palavras rasas. Quantas vezes já ouvimos: "*Falei por falar*", "*Não leve a sério as minhas palavras*", "*Falei qualquer coisa*" ou até mesmo: "*Não está mais aqui quem falou*". E por se multiplicarem expressões como estas, a palavra foi condenada ao flagelo do ceticismo e da desconfiança. "*Será que ele está falando com sinceridade?*". "*Não está jogando conversa fora?*". Outros vão mais além: "*Não acredito nunca no que ele diz!*"

Não era para ser assim. Cristo disse: "*A boca fala do que está cheio o coração.*"[1] Mas,

[1] .Mt 12:35

tal como aconteceu com outros conceitos igualmente sublimes do Divino Mestre, também deste (o da palavra dita) nos apropriamos para degradá-lo. Desprovida, então, de sua dignidade, a palavra tornou-se um objeto suspeito, a ponto de o senso comum sentenciar que – repetimos - *palavras, o vento leva.*

Provavelmente o leitor deve estar se perguntando por que escolhemos como título deste modesto volume uma mensagem que aqui censuramos. Afinal, a expressão *palavras para o vento levar* não se reporta às palavras vãs? Estaríamos, com isso, fazendo apologia da banalidade? Não. O que pretendemos honestamente é arremessar as palavras na direção de um vento suave e agradável para que elas vençam distâncias e desçam ao coração de cada alma que necessita de refrigério. Não que as nossas singelíssimas palavras sejam capacitadas para esta delicada tarefa. Temos certeza que não. Mas elas, as palavrinhas desta obra, mesmo sendo acanhadas e despretensiosas, acham que podem voar contentes até você, leitor, e abraçá-lo com toda ternura e afeição...

O autor

# I

Nós, homens, geralmente crescemos admirando, cada vez mais, a nossa própria natureza. Achamos que somos inteligentes, racionais, objetivos, práticos e competentes. Julgamos que as mulheres possuem qualidades mais modestas que as nossas e, por isso, nos investimos de uma autoridade machista e presunçosa que nos parece natural. Buscamos esculpir o nosso corpo segundo o ideal grego da beleza masculina, perfeita nas suas formas, admirável em sua simetria. É que achamos que os nossos músculos, quando devidamente desenvolvidos, impõem respeito e dignidade, à semelhança de um atleta vitorioso postado no mais alto degrau do pódio olímpico. Somos homens, donos do mundo e da política, da aventura e da força bruta. Acreditamos, por isso, no poder da discussão, na imponência da voz grave e espartana, que faz da palavra um verbo imperativo. Mas eis que a velhice chega, impositiva, solapando as nossas míseras capacidades. De apressados e frenéticos, passamos a andar pé ante pé; nossas gargalhadas se tornam sorrisos quase tristes e nossa voz, antes trovejante, vai ficando inaudível. Descobrimos, quase sempre tardiamente, a grandeza intrínseca que existe na mulher, este ser superior a cada um de

nós. Aprendemos, então, a chorar e a pronunciar palavras de aceitação. Encontramos o caminho da humildade no encontro marcado com o silêncio e a solidão. E eis que nos percebemos carentes, fracos, dependentes, limitados. Finalmente passamos a nos ver como realmente somos - servos pequeninos e necessitados! E, longe de nos desanimar, esta consciência do que verdadeiramente somos nos alivia, porque esse é o nosso retrato diante de Deus.

## II

"*Hoje eu quero paz de criança dormindo*", cantou Dolores Duran em sua magnífica composição "*A noite do meu bem*", que ela gravou nos últimos dias de sua breve vida. Este verso é, para mim, um dos mais singelos que já li. O que nos ensina uma criança dormindo? O segredo da meiguice, da delicadeza, da fragilidade. Mas se, por infelicidade da nossa agitação de cada dia, não encontrarmos tempo para observarmos atentamente seu meigo rostinho, estaremos lançando fora a rara oportunidade de sentirmos o que é a verdadeira pureza neste mundo desumano e inquieto.

Diante de uma criança que dorme, somos todos menores do que julgamos ser.

## III

E me deu vontade de refletir sobre a saudade.

- As saudades são iguais? Sinto de João a mesma saudade que sinto de José ou de Maria?
- As saudades são mesmo iguais? Sinto de João a mesma saudade que José sente dele?
- A saudade varia com o tempo? O passar dos anos acentua a saudade ou a sossega?
- A saudade varia com a distância? Se João mora no Rio, a saudade que tenho dele é menor do que se ele morasse em Paris?
- A saudade varia com a esperança? Se espero um dia reencontrar João, a saudade que sinto dele é a mesma que eu sentiria se eu não pudesse nunca mais revê-lo?
- A saudade é existencial? A saudade que sinto de quem ainda vive é a mesma que sinto de quem já morreu?
- A saudade varia com a quantidade? Se tenho saudade de dez pessoas, esta saudade é maior do aquela que eu sentiria por apenas uma? Saudade se soma?
- A saudade varia com a qualidade? Existem saudades mais sutis do que outras?
- Posso esquecer de sentir saudade?

Perguntas, perguntas, perguntas. Basta sentir saudade para não saber respondê-las.

## IV

O Dia da Criança, para quem não é mais criança, é uma volta ao passado pelas asas da recordação. Entre tantos fatos que passaram – ou que não passaram -, uma cena ficou solidamente instalada na memória do meu coração. Eu devia ter uns oito anos de idade e viajara com meu pai, Clovis Tavares, para Petrópolis. Ainda me lembro, como se fosse hoje, do momento em que eu me desgarrei da sua mão involuntariamente, pouco antes de atravessar uma rua. Por alguns segundos eu me senti totalmente desprotegido, por não ter a mão do meu pai segurando a minha. Senti um medo incontrolável, susto misturado com pavor. Mas logo a sua mão paternal alcançou a minha e o alívio me sossegou. Não tive tempo de chorar. Acho que ele nunca soube do grande medo que senti naquele dia.

Há trinta anos que meu pai não se encontra mais na terra dos homens, pois ele habita uma das moradas que Cristo foi preparar para aqueles que O amam. Mas a imagem da sua mão separada da minha ainda hoje visita meus pensamentos. E me vejo novamente como aquela criança de oito anos necessitada da sua mão paternal e protetora, mão que acostumei a beijar todas as noites, quando lhe pedia a bênção antes de dormir.

Os anos se passaram. Não importa se cresci, se envelheci, se caminho para o final da existência humana. O que importa é que não sei me conduzir na vida sem a segurança da sua mão entrelaçada à minha.

## V

No Dia da Criança, quero pensar em certos meninos e meninas esquecidos de nossa sociedade: as crianças de rua. Imaginei como seria maravilhoso se pudéssemos ler esta expressão ao contrário: rua de crianças. Não mais crianças pertencentes às ruas, nem ruas dominadas por automóveis ou por gente grande apressada e séria, mas ruas preenchidas de crianças contentes e cantadoras.

Acordando do sonho e repondo os pés no chão – ou na rua – vejo nas calçadas a criança sozinha ou um grupo de crianças solitárias, algumas esfarrapadas, outras cheirando cola, algumas abordando os pedestres, outras pedindo esmola. Quem são elas? Vítimas do sistema – diríamos nós. Esta resposta nos satisfaz, pois o sistema não tem rosto – o nosso rosto – nem endereço – o nosso endereço. Assim, parece que estamos absolvidos da miséria do mundo. Mas eis que a criança de rua é a revelação muda e triste